

O Componente Contextual na Estrutura de Dicionário de Aprendizagem

Flávia de Oliveira Maia-Pires

190

Resumo

Este trabalho é fruto da tese de doutorado desenvolvida no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos - Centro Lexterm - e está inserida na linha de pesquisa Léxico e Terminologia do Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL - do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP- da Universidade de Brasília - UnB. A pesquisa é de natureza qualitativa e o método descritivo foi adotado para que os fatos de língua sejam coletados, observados, registrados e analisados. O objeto de estudo é a categoria verbo da língua portuguesa com o objetivo de apresentar uma proposta de dicionário de aprendizagem de verbos do Português do Brasil como L2, em que o significado dos verbos estão relacionados a 17 contextos situacionais, a saber: *alimentação, atividades comerciais, atividades domésticas, clima e tempo, crime e violência, educação, esporte, festas e festividades, lazer, moradia, profissão e trabalho, relações sociais, saúde e doenças, tabuísmo, trânsito e transporte, vestimentas e indumentárias e viagem e hospedagem*. Nesse sentido, o estudo feito, com base na Gramática Discursivo-Funcional - GDF -, destaca a funcionalidade do componente contextual na análise de línguas, pois coopera com o componente gramatical, por meio de operações de formulação e de codificação, seguindo uma organização hierárquica, a *top down*.

Palavras-chave: Dicionário. Aprendizagem de língua. Verbos. Contexto de uso. Português como L2.

1. Introdução

Durante o processo de aprendizagem de uma língua, percebemos que a avaliação de parte do que foi aprendido ocorre nas interações comunicativas, por meio das quais são identificados ou enunciados bem construídos, ou enunciados que precisam de reformulações, ou enunciados descontextualizados. O conhecimento linguístico é testado em casos reais, que exigem a participação do aprendiz, ora como produtor, ora como destinatário do enunciado. Essa percepção respalda-se na concepção de que a *“language is in the first place conceptualized as an instrument of social interaction among human beings, used with the intention of establishing communicative relationships”* (DIK, 1997, p. 3)¹. Desse modo, a aprendizagem de língua visa ao

¹ Língua, em primeiro lugar, é concebida como um instrumento de interação social entre seres humanos, usada com o objetivo primordial de estabelecer relações comunicativas.

propósito de suprir uma das necessidades dos seres humanos: relacionar-se com o mundo. Destacamos que, na interação, enunciados são construídos para transmitir as intenções comunicativas do falante, que ocorrem dentro de contextos específicos. Isso acontece porque a produção e o entendimento de enunciados não ocorrem em um vazio, quer dizer, os enunciados são produzidos em contextos comunicativos.

Nesse sentido, nossa pesquisa adota os estudos teóricos relacionados à teoria da Gramática Discursivo-Funcional, porque, como Connolly (2007, p. 11) enfatiza: “An important and admirable characteristic of the FDG framework is that it takes very seriously the fact that utterances are produced and understood in context²”. Assim, o presente capítulo apresenta o embasamento teórico de nossa pesquisa.

2. A Gramática Discursivo-Funcional

A inclusão dos aspectos pragmáticos nos estudos de língua propulsionou novas teorias linguísticas. Destacamos a Gramática Discursivo-Funcional - FDG - de Hengeveld e Mackenzie (2008), concebida por meio de avanços e de aplicações de pesquisas na linha da Gramática Funcional - GF- de Dik (1978 e 1997).

A Gramática Funcional de Dik considera a interação verbal, pois afirma que a função representativa da linguagem se integra na função interpessoal e social. Interação verbal, segundo Dik (1997, p. 8), é representada do seguinte modo:

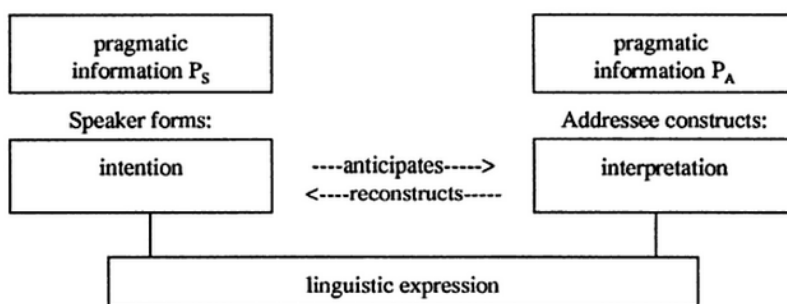


Figura 1: Modelo de interação verbal

² uma característica importante e admirável da Gramática Discursivo-Funcional - GDF - é a de que considera seriamente o fato de enunciados serem produzidos e entendidos em contexto.

Fonte: (DIK, 1997, p. 8)

O esquema acima representa o fato de que, na interação verbal, os participantes envolvidos possuem informações pragmáticas - por parte do falante (*Speaker's Pragmatic Information* - P_S) e do destinatário (*Addressee's Pragmatic Information* - P_A) - suficientes para estabelecerem uma comunicação. Assim, ao dizer algo para o destinatário (que o autor representa por A - *addressee*), a intenção do falante (que o autor representa por S - *speaker*) é provocar modificação na (P_A) do destinatário. E para alcançar seu objetivo, o falante formula uma intenção comunicativa, em nível mental, relacionada à modificação que ele deseja efetuar em (P_A). Para isso, o falante antecipa a interpretação que seu destinatário pode atribuir à sua expressão linguística, dado o estado de (P_A) no momento. Essa antecipação por parte do falante exige que ele selecione as informações relevantes de (P_A). Por outro lado, o destinatário interpreta a expressão linguística do falante em função de (P_A) e da sua estimativa de (P_S), e, assim, ocorre a reconstrução da intenção comunicativa presumida pelo falante. A interpretação chegada ao destinatário pode afetar modificações em (P_A), correspondendo, assim, à intenção comunicativa do falante. Se a interpretação do destinatário não for a desejada pelo falante, há um mal-entendido. Porém, alguns mal-entendidos passam despercebidos no dia a dia, mas aqueles que impedem o prosseguimento da comunicação são corrigidos, por meio de negociação entre os participantes que trocam de papéis, falante-destinatário, em turnos distintos.

Em vista disso, depreende-se que, além das expressões linguísticas, há outros elementos envolvidos no processo comunicativo, o que gera necessidade de abarcar as questões pragmáticas nas análises linguísticas, porque exercem influência na produção e na interpretação comunicativas. Existem fenômenos linguísticos que são analisados mais adequadamente se considerarmos o gênero discursivo, o contexto, os participantes dos eventos comunicativos, o que prestigia a interação verbal.

A interação verbal também é incorporada no modelo da Gramática Discursivo-Funcional de Hengeveld e Mackenzie (2008). Porém, esses autores ampliam a teoria, ao incluir o componente conceitual, o componente contextual e o componente de saída ao componente gramatical.

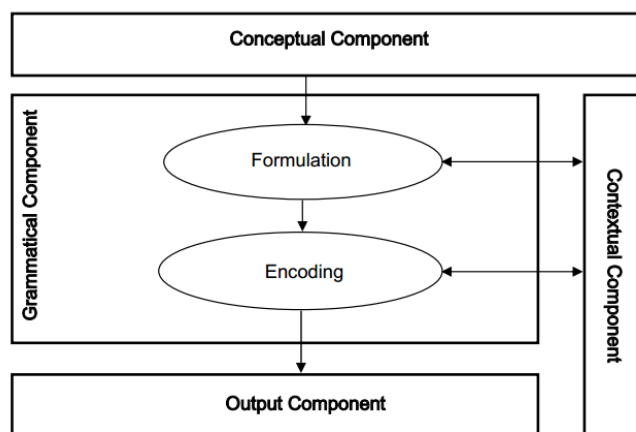


Figura 2: A GDF como parte de uma teoria mais ampla da interação verbal
Fonte: (HENGEVELD & MACKENZIE, 2010, p. 2)

Hengeveld e Mackenzie (2010) destacam, por meio dessa figura, que “FDG is conceived of as the Grammatical Component of an overall model of verbal interaction in which it is linked to a Conceptual Component, an Output Component and a Contextual Component³”. Desse modo, o modelo apresenta componentes não gramaticais, que são o componente conceitual, o componente de saída e o componente contextual, como elementos que interagem com o componente gramatical, por meio de operações de formulação e de codificação, de várias formas. Entretanto, o modelo pressupõe que essa interação ocorre em organização hierárquica, de cima para baixo (*top-down*), apresentada pelas setas verticais. Os autores denominam de formulação as possíveis especificações

³ A Gramática Discursivo-Funcional é concebida como o Componente gramatical de um modelo global de interação verbal que está ligado a um componente conceitual, um componente de saída e um Componente Contextual. To appear in: Heine, Bernd & Narrog, Heiko eds, The Oxford Hand book of Linguistic Analysis. Oxford: Oxford University Press, 2010.

pragmáticas e semânticas na língua e de codificação as regras que convertem essas representações pragmáticas e semânticas em morfosintática e fonológica.

A arquitetura geral do modelo é apresentada na figura posterior, em relação aos componentes não-gramaticais, como descrevemos a seguir:

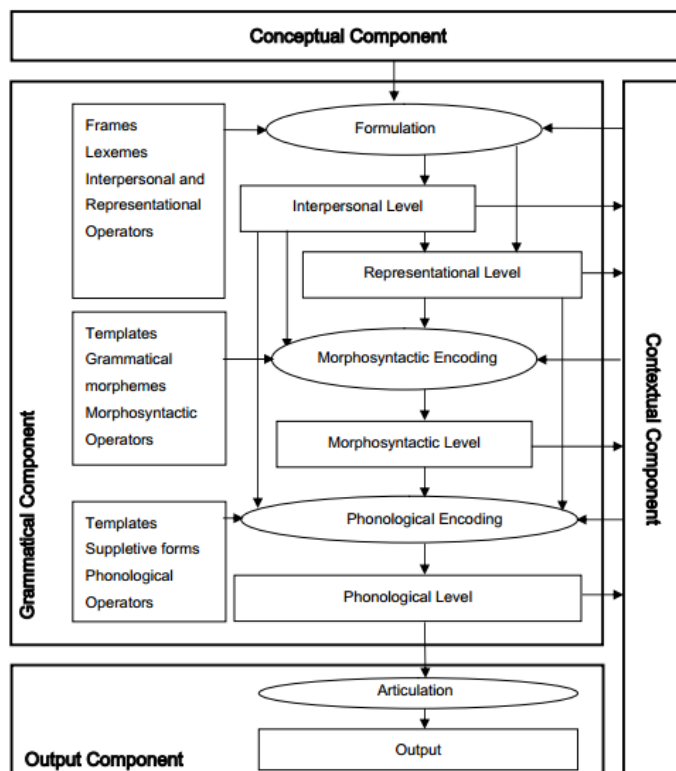


Figura 3: Arquitetura geral da GDF
Fonte: (HENGEVELD & MAKENZIE, 2010 p. 4)

Hengeveld e Makenzie (2010, p. 5) argumentam que o objetivo principal da Gramática Discursivo-Funcional *“is to give an account of morphosyntactically and phonologically codified phenomena in languages, either as correlated with pragmatic or semantic aspects of Formulation or as displaying inherent properties of Encoding”*⁴. Assim, associa-se o modelo ao parâmetro funcionalista que considera que uma grande parte

⁴ é dar conta dos fenômenos morfosintáticos e fonológicos codificados nas línguas, seja como correlatos de aspectos pragmáticos e semânticos, seja como portadores de propriedades inerentes da codificação .

das categorias formais são explicadas quando se analisa a gramática relacionada à pragmática, à semântica, em meio à cognição humana e à interação social.

A arquitetura da GDF é composta pelo **componente gramatical** que existe nas línguas, central no modelo, o qual contém as regras que regem a codificação, processo pelo qual as representações semânticas e as representações pragmáticas são convertidas em representações morfológicas e fonológicas. Há três componentes que se somam ao componente gramatical, que são o componente de saída, o componente conceitual e o componente contextual, que ligam o mundo exterior e o cognitivo do indivíduo à gramática da língua.

O **componente conceitual**, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008; 2010), concebido como pré-linguístico, é responsável pelo desenvolvimento da intenção comunicativa e do evento de fala, associando-se ao aspecto cognitivo e ao conteúdo extralinguístico envolvidos no evento comunicativo. Desse modo, o componente conceitual é a força que impulsiona o processo de formulação, em que o conhecimento de longa duração, denominado *long term knowledge*, o conhecimento de mundo, a intenção comunicativa e a competência linguística são englobados. Conforme descrevem os autores da GDF, esse componente é responsável pela operação de formulação, que representa a conversão de representações pré-linguísticas conceituais em representações pragmáticas e semânticas, o que é permitido pelas regras da língua. Em vista disso, somente as informações pragmáticas e semânticas consideradas relevantes para o evento comunicativo são fundamentais no processo de formulação. No caso dos verbos, informações sobre a representação dos eventos como ação, estado, processo ou estado-processo seriam relevantes nas operações de formulação.

O **componente contextual** é concebido como o componente que contém a descrição do conteúdo e da forma do discurso precedente, por isso é relevante para processos gramaticais, pois contém informações como pessoa do discurso, tempo, modo, encadeamento narrativo, mediante a percepção real do que ocorre no evento comunicativo. Em vista disso, a percepção real da situação em que o evento ocorre

interage com o nível conceitual, fixando determinadas categorias. No caso dos verbos, esse componente fornece informações relevantes sobre o número de participantes, pessoa do discurso, tempo, modo.

O **componente de saída** é responsável por gerar as expressões acústicas, escritas ou sinalizadas (incluindo as línguas de sinais), com base nas informações fornecidas pelo componente gramatical.

Entre esses componentes, os componentes conceitual e contextual estão conectados com o interesse desta tese, em vista de identificarmos que esses componentes, na estrutura do modelo *topdown* e na dinamicidade da GDF, podem nos auxiliar na concepção do modelo de dicionário de aprendizagem. Entendemos que, neste modelo, a produção de enunciados vai da intenção para a articulação, influenciados pelos fatores pragmáticos, contextuais e interacionais, evidenciando a necessidade de incluir esses componentes em obras lexicográficas. Isso porque, com vistas ao caráter pedagógico do dicionário, a organização da microestrutura de dicionário de aprendizagem deve apresentar os significados articulados aos aspectos pragmáticos, semânticos e gramaticais em que ocorrem os eventos discursivos. Desse modo, deve-se observar o **contexto cultural**, que contém informações de caráter mais abrangente, situando o enunciado num complexo cultural e ideológico; o **contexto situacional**, que contém informações extralinguísticas referentes às condições de produção do enunciado; e o **contexto linguístico**, que contém informações linguísticas que auxiliam no contexto do enunciado. Esses três contextos organizam-se com propósito comunicativo.

Seguindo o sistema *topdown*, a GDF inclui a codificação morfossintática que representa a “conversão” da configuração dos níveis interpessoal e representacional, registrados no nível morfossintático. Assim sendo, o nível morfossintático processa os aspectos estruturais de uma unidade linguística, que, em conjunto com o nível fonológico, atua na codificação das distinções interpessoais e representacionais. Portanto, alguns fenômenos que ocorrem no nível morfológico são funcionalmente

motivados. Por exemplo, no modelo da GDF, princípios de ordenação de constituintes são motivados por iconicidade; princípios de integridade de domínio, por preservação das relações de escopo. Destacamos que os autores da GDF registram que o modelo “does not make a distinction between a syntactic and a morphological level of analysis, as the principles used in the formation of words are the same as those used in the formation of phrases and clauses⁵”, (HENGEVELD e MACKENZIE, 2010, p. 17).

No **nível morfossintático**, o conjunto de primitivos usados na codificação morfossintática fornece os padrões estruturais, *templates*, morfemas gramaticais e operadores morfossintáticos apropriados, como se estruturam nesse nível. Do mesmo modo, no **nível fonológico**, as estruturas dos níveis interpessoal, representacional e morfossintático são codificadas em estrutura fonológica, mantendo a articulação entre os níveis. As regras de expressão apóiam-se em um conjunto de primitivos que contém sons, prosódia, morfemas presos e operadores fonológicos secundários, que alimentam o sistema para a produção de enunciados, seguindo o sistema hierárquico da GDF, segundo Hengeveld e Mackenzie (2010, p. 20).

Assim sendo, apresentamos princípios básicos da GDF que darão suporte ao próximo tópico, que tem por finalidade expor os aspectos contextuais dentro do componente contextual previsto pelo modelo, os quais fornecem elementos para o componente gramatical e, assim, ativam as regras que regem a codificação e a formulação dos enunciados.

3. A inter-relação do contexto com a Gramática Discursivo-Funcional

As informações contextuais são relevantes nas teorias funcionalistas. A GDF admite a importância do componente contextual na produção dos enunciados, pois “the Contextual Component contains a description of the content and form of the preceding

⁵ FDG não faz distinção entre o nível sintático e o nível morfológico de análise, uma vez que os princípios utilizados na formação de palavra são os mesmos utilizados na formação de frase e orações.

discourse, of the actual perceivable setting in which the speech event takes place, and of the social relationships between Participants"⁶, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 8). Para os autores do modelo, este componente contém dois tipos de informações: i) informação imediata (*short-term information*), recebida do componente gramatical concernente a um enunciado específico que é relevante para a forma dos enunciados subsequentes, e ii) informação de longo prazo (*long-term information*) sobre a interação em andamento, que é relevante para as distinções que são requisitadas pela língua em uso e que interferem na formulação e na codificação dessa língua (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008, p. 9-10). Em vista disso, o componente contextual contém informações que influenciam o funcionamento do componente gramatical, porque apresenta aspectos que são considerados nas etapas de formulação e de codificação, como o gênero e o número dos participantes. Ilustramos isso com um exemplo da língua portuguesa:

- (1) "Praias ficam cheias em domingo ensolarado no inverno carioca. A **suíça**, que atualmente mora com brasileiros no Catete, adiou a sua volta com o objetivo de aprender português. **Ela** não esconde a sua paixão pela praia de Ipanema e a elegeu como o seu programa favorito no Rio". (site o globo. Acesso em 12.08.14).

em que, na produção do enunciado (3), as informações quanto ao gênero, feminino, e ao número, singular, são relevantes. O componente contextual contribui com o componente gramatical na composição dos enunciados. Estabelece relações anafóricas como a relação e a ordem entre o pronome, **ela**, e seu referente, **suíça**, de acordo com os estudos de Cornish (2009), sobre anáfora discursiva, relacionados ao componente contextual da GDF. Além disso, as informações de número, pessoa, tempo e modo são relevantes para a representação verbal dos lexemas *morar, adiar, esconder, eleger*. Essas informações serão acessadas nas operações de formação e de codificação.

⁶ O componente contextual contém a descrição do conteúdo e da forma do discurso precedente do contexto real perceptível, em que ocorre o evento de fala, e das relações sociais entre os participantes.

Os elementos extralinguísticos descritos pelos itens lexicais **Ipanema**, praia localizada no Rio de Janeiro; **domingo**, primeiro dia da semana, considerado dia de descanso e de lazer; **dia ensolarado**, dia típico para os cariocas irem à praia; associados ao fato de a **suíça** estar na **praia** dando **entrevista**, emitindo sua opinião sobre o dia ensolarado e a praia de Ipanema a um **jornalista**, também atuam nas operações de formulação e codificação em conjunto com os elementos já citados. Entretanto, como apontam Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 9), a GDF não desenvolve o componente contextual de modo mais profundo. Porém, por ser um componente crucial na análise de língua, outros pesquisadores como Connolly (2007) e Cornish (2009) desenvolveram estudos sobre o componente contextual.

Segundo Connolly (2007, p.13), uma explicação explícita da inter-relação entre língua e contexto de modo substancial é possível quando o contexto for abordado como nível de descrição, em que esse componente é definido como qualquer parte circundante a um discurso e é relevante para sua produção e interpretação. O autor destaca que é essencial restringir o que é relevante para o contexto, pois, se incluíssemos todas as partes circundantes, seria completamente difícil analisá-lo dentro de um modelo. E a avaliação do que é considerado relevante depende do analista, por isso contexto não é um fenômeno objetivo, e, sim, um constructo analítico. Assim sendo, Connolly (2007, p. 14), ao considerar que o contexto é dinâmico e que está em constante mudança, à medida que o discurso progride, propõe categorizações para o componente contextual. O pesquisador aponta para o fato de, no mundo contemporâneo, graças à tecnologia da informação, a multimídia ser onipresente, nos impede de ignorar a natureza multimodal do discurso. Em vista disso, Connolly (2007, p. 14) descreve as seguintes dicotomias:

- a) Contexto discursivo *vs* contexto situacional.
- b) Contexto físico *vs* contexto sociocultural.
- c) Contexto restrito *vs* contexto amplo.
- d) Contexto mental *vs* contexto 'extra-mental'.

Contexto situacional corresponde à parte do contexto que está fora do discurso, pode ser dividido em 'contexto físico' e 'contexto sociocultural'. O **contexto físico** é fornecido pelo universo material, e inclui fatores como tempo e espaço. O **contexto sociocultural**, é fornecido pelo universo não-material, em que se incluem a organização social e as normas de pensamento e de comportamento da comunidade de fala. Ainda quanto à arquitetura do componente contextual, há uma subdivisão aplicada tanto ao contexto físico quanto ao contexto sociocultural, denominado de 'restrito' e 'amplo'. O **contexto físico restrito** pode ser chamado de 'cenário' (*setting*) e o **contexto sociocultural restrito** pode ser chamado de a 'cena' (*scene*), em que o autor emprega a terminologia de Hymes (1972, p. 60). Enfatizamos que em um mesmo 'cenário' podem ocorrer diferentes 'cenas'. Para ilustração desses conceitos, apresentamos um exemplo da realidade brasileira em que a Esplanada dos Ministérios (cenário), localizada em Brasília, ora pode ser palco para manifestações políticas, ora pode ser palco para festividades comemorativas (cenas), eventos socioculturais distintos no mesmo espaço.

O **contexto situacional amplo** corresponde às informações fornecidas pelo universo físico e social fora do contexto imediato. O **contexto sociocultural amplo** corresponde às informações relacionadas à organização social de modo global e às normas de pensamento e de comportamento.

Reutilizaremos nosso exemplo (3) para ilustrar alguns destes conceitos: o **contexto físico restrito** é fornecido pela praia de Ipanema no dia da entrevista; o **contexto sociocultural restrito** corresponde aos papéis da suíça como entrevistada, aquela que fala, e o jornalista, aquele que é o destinatário interessado na opinião dela. Quanto ao **contexto físico amplo**, inclui Ipanema, praia localizada no Rio de Janeiro; domingo, primeiro dia da semana, e o **contexto sociocultural amplo** abarca domingo ensolarado, dia de descanso e de lazer, típico para ir à praia, segundo a cultura dos cariocas.

Contexto discursivo corresponde ao discurso multimodal circundante, incluindo os aspectos linguísticos e não-linguísticos. Assim, Connolly (2007) designa o termo 'contexto linguístico' como um subconjunto do contexto discursivo. O contexto discursivo contém subcategorias quanto ao aspecto restrito e amplo. O contexto discursivo restrito é equivalente ao '(co)texto', o contexto textual circundante ao fragmento discursivo a ser analisado ou entendido; e contexto discursivo amplo equivalente ao 'intertexto', referência ou alusões a outros textos. Quanto aos conceitos de texto, contexto e discurso, Cornish (2009) aponta algumas divergências ao reinterpretar a proposta de Connolly (2007) e ao contribuir para a arquitetura do componente contextual que destacaremos mais adiante.

Em relação aos conceitos sobre o contexto 'mental' e o contexto 'extra-mental', Connolly (2007, p. 18-19) descreve o primeiro como parte do contexto que reside na mente dos falantes e dos destinatários (incluindo analistas) de um discurso ou fragmento do discurso. Com referente ao segundo conceito, contexto 'extra-mental', o autor descreve-o como elemento fornecido pelo universo exterior e acrescenta que a subdivisão do contexto em partes 'mentais' e 'extra-mentais' dá nova dimensão para a estrutura hierárquica do contexto, uma vez que cada participante do evento comunicativo tem sua própria representação mental, ou ponto de vista sobre o contexto, por isso o contexto 'mental'. Desse modo, incluem-se todos esses pontos de vista, o que pode gerar uma sobreposição das diferentes perspectivas, e, portanto, de conhecimento compartilhado entre os diferentes participantes.

Em vista do que foi exposto até agora, observa-se que o contexto tem uma estrutura hierárquica que é multidimensional. Assim sendo, é possível identificar os níveis hierárquicos do componente contextual, considerando também os aspectos sobre gêneros discursivos, pois de acordo com o tipo discursivo há diferenças relevantes nos eventos comunicativos, segundo Connolly (2007, p. 18). Nesse sentido, apresentamos a arquitetura do componente contextual concebida por Connolly (2007) e delineada por Cornish (2009):

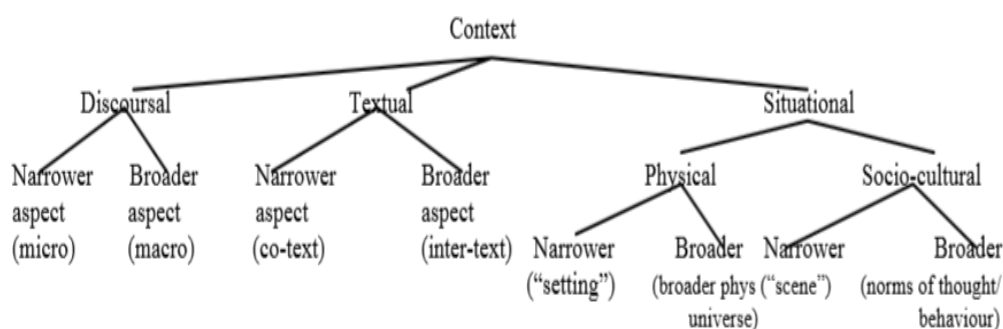


Figura 4: Representação esquemática, revisada por Cornish, da concepção de Connolly

Fonte: (CORNISH, 2009, p. 107)

Com base nessa estrutura, Cornish (2009, p. 107) destaca que as três grandes vertentes de “contexto” não estão no mesmo nível, atribuindo o contexto situacional à posição fundamental, pois, sem o contexto situacional, não há nem texto, nem discurso. Portanto, a ênfase dada ao elemento ‘situacional’ respalda-se na concepção de que todos os eventos comunicativos são baseados em algum contexto. Em vista disso, pressupõe-se que o ‘texto’ foi produzido por um falante com um destinatário em potencial, contando com objeções, correções, sinais de aprovação, etc. Isso evoca um contexto relevante, como ocorre na interação verbal, em que os participantes envolvidos possuem informações pragmáticas por parte do falante e do destinatário, suficientes para estabelecerem uma comunicação, como demonstrado em 2. Desse modo, percebemos que o dicionário de aprendizagem deve utilizar o contexto situacional como agente que contribui para a produção e para a compreensão de significados em eventos comunicativos, pois fornece elementos que influenciam nas etapas de formulação e de codificação, utilizados no componente gramatical.

Por isso, ao incluir o componente contextual na análise de língua, reconhecemos a funcionalidade desse componente em selecionar e restringir os lexemas pelas informações relevantes, disponíveis no contexto situacional, a fim de torná-los compatíveis como a produção e a compreensão dos enunciados.

Os aspectos teóricos que apresentamos até o momento corroboram para a inclusão do componente contextual nas obras lexicográficas. Essa inclusão tem a finalidade de contribuir para a produção e a compreensão dos significados, que são produzidos dentro de contextos específicos, junto com os componentes conceituais, gramaticais e de saída. Por conseguinte, enfatiza-se o dicionário como obra de referência de língua que contém elementos gramaticais e pragmáticos ao englobar esses aspectos. Desse modo, realçamos que a compreensão de textos, escritos ou falados, não significa simplesmente a decodificação da superfície textual, a fim de ter acesso às intenções do falante ou do escritor, mas sim um produto de um processo complexo, em que texto é compreendido como conjunto de informações para o discurso. Em razão disso, texto e discurso são construídos por meio de invocação de aspectos relevantes do contexto, características importantes no uso da linguagem, por oferecerem oportunidades ao falante para criar e adaptar enunciado, utilizando o sistema linguístico segundo suas intenções comunicativas, conforme propõem Connolly (2007) e Cornish (2009).

Em eventos comunicativos novas funções podem ser desempenhadas, relacionadas ao mundo real ou mundo imaginário, originando a ressemantização dos itens lexicais. Assim sendo, permite que o usuário acesse o fundo lexical, que contém os lexemas básicos e as regras do sistema linguístico para derivá-los, de acordo com as informações fornecidas pelo componente contextual.

Assim, considerando que a construção de enunciados é fruto de uma interação verbal, por exercer função representativa da linguagem integrada à função interpessoal e social, a contribuição do contexto situacional é fundamental, em vista de o contexto físico e o contexto social fornecerem informações sobre o 'cenário' e a 'cena' do evento comunicativo.

Para tanto, as entidades que compõem o enunciado organizam-se, segundo as regras sintáticas da língua e as propriedades lexicais, distribuindo os participantes do enunciado, de acordo com a relação verbo-nome, e segundo as intenções

comunicativas e as situações em que o evento comunicativo ocorre. A seleção dos lexemas, no evento comunicativo, ocorre em função da valência verbal, das funções semânticas e das restrições impostas pelos contextos, demonstrando a importância dos lexemas.

Assim, apresentamos parte do produto Proposta de um dicionário de aprendizagem de verbos do português do Brasil como segunda língua. A proposta tem fundamentação teórica da gramática do léxico e aplica esses conhecimentos à lexicografia pedagógica, em conexão com os avanços tecnológicos, por isso, o dicionário é informatizado. Apresentamos, a seguir, a concepção e alguns elementos da estrutura da proposta de dicionário de aprendizagem em que são contemplados aspectos contextuais para a compreensão de significados.

5. A microestrutura do Dicverb/PL2

A microestrutura é a unidade mínima autônoma; é também “chamada de verbete ou de artigo lexicográfico” (FAULSTICH, 2011, p. 183). Essa unidade, no Dicverb/PL2, descreve a entrada, a ortografia, a transcrição da pronúncia, a divisão silábica, a(s) acepção(ões), o complemento verbal, o exemplo de uso, a marca de uso, a preposição exigida pela regência verbal, a equivalência em inglês, a versão do exemplo de uso em inglês, o quadro de conjugação verbal e o recurso auditivo da pronúncia do verbo. Nesse sentido, foram incluídos na microestrutura aspectos contextuais.

O *Contexto*, indicativo de informações extralinguísticas referentes às condições de produção do significado em que o item lexical é usado; fornece informações como tempo, espaço, participantes do evento comunicativo, organização social, normas de pensamento e comportamento da comunidade de fala. Essas informações delimitam o significado dos verbos; estão em **negrito**, entre colchetes [] e se iniciam com letra maiúscula. Uma vez delimitado o público-alvo do dicionário, o Dicverb/PL2 apresenta um vocabulário básico para atender à compreensão e à produção de textos sobre o cotidiano dos brasileiros, em torno dos seguintes contextos: *alimentação*,

atividades comerciais, atividades domésticas, clima e tempo, crime e violência, educação, esporte, festas e festividades, lazer, moradia, profissão e trabalho, relações sociais, saúde e doenças, tabuísmo, trânsito e transporte, vestimentas e indumentárias e viagem e hospedagem.

Como exemplificamos na figura 5.

The image shows the Dicverb/PL2 dictionary interface for the verb 'jantar'. On the left is a dark sidebar with the title 'Dicionário de aprendizagem de verbos do português do Brasil como segunda língua' and 'Dicverb/PL2'. It includes a search input field and a 'Pesquisar' button. The main content area displays the word 'jantar' with its phonetic transcription [ʃãˈtax]. Below this, two senses are listed: 1. [Alimentação] 1. ação de ingerir uma refeição à noite. [Complemento do tipo 1] João jantou arroz, carne e verdura (adapt. S.G1). [to have dinner] John had rice, meat and vegetables for dinner. [Sem complemento] sentido genérico. Eles jantam com os amigos aos sábados (adapt. Rev. CB). [to dine] They dine with friends on Saturday. 2. [Esportes] 2. ação-processo de vencer o adversário ou derrotá-lo, geralmente, com grande facilidade. [Complemento do tipo 1] Informal Tiago, o melhor jogador em campo, jantou o zago do Botafogo (adapt. S. Esp.). [win] James, the best soccer player in the game, won center-back team. On the right, there are three red-bordered boxes: 'Áudio' with a speaker icon, 'Conjugação verbal' with a table icon, and 'Contexto' with a document icon. Arrows point from these boxes to the corresponding elements in the dictionary entry.

Figura 5: Página do verbete jantar do Dicverb/PL2
(Fonte: MAIA-PIRES, 2015)

Os contextos foram selecionados de acordo com os temas abordados em livros didáticos de PSL e com as diretrizes apresentadas na obra *Português Fundamental*⁷, de Nascimento (1984). Para a coleta de dados selecionamos os livros: *Novo Avenida Brasil 1 – curso básico de Português para Estrangeiros – livro-texto + livro de exercícios*, da editora EPU (2009), e *Bem-Vindo! A Língua Portuguesa no Mundo da Comunicação*, da Editora Pontes (2005). Esses livros foram selecionados porque os textos apresentam um léxico em contextos acerca de atividades essenciais dos seres humanos na sociedade moderna, como, por exemplo: comer, beber, habitar, comprar, trabalhar, estudar, viajar, divertir-se, hospedar-se, apresentar-se, locomover-se, comportar-se na

⁷ Conhecemos o conteúdo dessa obra como pesquisadora de iniciação científica – PIBIC/UnB – sob a orientação da profa. Enilde Faulsticha, em 2006.

sociedade brasileira, relacionar-se com as pessoas, cuidar da saúde, pedir e dar informações pessoais.

O *Português Fundamental* foi elaborado como uma obra que “se destina essencialmente aos professores de Português como segunda língua e como língua estrangeira [...] concebida como um instrumento de trabalho para ser utilizado na elaboração de materiais didáticos” (NASCIMENTO, 1984, p. 9).

Considerações finais.

O estudo feito permitiu-nos avaliar a natureza e a multifuncionalidade das obras lexicográficas, que estão além do que os aspectos físicos podem demonstrar. São obras que registram a complexidade do ser humano e da sociedade em que vive, considerando os componentes biológicos, psicológicos, sociais, políticos, históricos e geográficos

A funcionalidade do componente contextual evidenciou-se durante a análise, pois coopera com o componente gramatical, convertendo as representações pragmáticas e semânticas em morfossintática e fonológica. Desse modo, o resultado das combinações sintático-semânticas de acordo com os 17 contextos abordados nesta pesquisa permitiu-nos identificar o contexto como agente contribuidor para a significação, por isso incluímos na estrutura do Dicverb/PL2 os contextos do cotidiano dos brasileiros para fornecer informações relevantes, disponíveis no universo material, como número de participantes, tempo e espaço, e no universo não-material, como organização social e comportamento da comunidade de fala, relacionados a contextos específicos. Esses componentes são abordados na microestrutura como tipos de complementos verbais, contextos situacionais, exemplos de uso dos verbos, marcas de uso, acepções, transcrição fonética, recurso de áudio que se apresentaram como recurso útil em obras lexicográficas.

Referências

ALVES, E. *Categorias lexicais e funções na linguagem de especialidades da economia*. Tese (doutorado) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2006. Disponível em:

http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3305/1/2006_Elisabeth%20Alves.pdf

Acesso. 20.maio.2014.

CAMACHO, R. G. *Classes de palavras na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional: o papel da nominalização no continuum categorial*. São Paulo. Editora UNESP, 2011.

CONNOLLY, J. H. *Context in Funcitonal Discourse Grammar*. Alfa – Revista de linguística, São Paulo, v. 51 (2), 2007.

CORNISH, F. Text and discourse: Discourse anaphora and the FDG Contextual Component. In: KEIZER, E.; WANDERS, G. (Eds.). *Web Papers in Functional Discourse Grammar*. Amsterdam, v. 82, 2009. Disponível em: http://home.hum.uva.nl/fdg/working_papers/WP-FDG-82_Cornish.pdf Acesso em: 12. nov.2013.

DIK, S. C. *The theory of Functional Grammar*. Part 1 : The structure of the clause . 2nd ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

FAULSTICH, E. *Avaliação de dicionários: uma proposta metodológica*. Organon: revista da Faculdade da Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 25, n. 50, 2011.

FAULSTICH, E. *Para gostar de ler um dicionário*. In: RAMOS, C. de M. de A; BEZERRA, J. de R. M.; ROCHA, M. de F. S.. (Org.). *Pelos caminhos da Dialectologia e da Sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas*. 1ª ed.São Luís: UFMA, 2010a, v. 1, p. 166-185.

HAENSCH, G. Aspectos prácticos de la elaboración de diccionarios. In: HAENSCH, G.; WOLF; Lothar; ETTINGER, Stefan; WERNER, Reinhold. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982. p. 395-534.

HENGEVELD, K. The architexture of a Functional Discourse Grammar. In: MAKENZIE, J. L; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. (ED.) *A New architecture for Functional Grammar* (Functional Grammar Series 24). Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.

HANGEVELD, K. Epilogue. In: MACKENZIE, J. L; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. (org.) *A new architexture for Functional Discourse Grammar* (Functional Grammar Series 24). Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.

HENGEVELD, K; MACKENZIE, J.L. Functional Discourse Grammar. In: Heine, B; NARROG, H (Ed.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. Oxford University Press, 2010.

HENGEVELD, K; MACKENZIE, J.L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based Theory of Language Structure*. Oxford. Oxford University Press, 2008.

HYMES, D. Models of interaction of language and social life. In. GUMPERZ, J; HYMES D. *Direrctions in sociolinguistics*. New York: Rinehart & Winaron, 1972.

MAIA-PIRES, F. de O.; VILARINHO, M. M de O. O estudo do léxico no Curso de Letras EaD da UnB. In. VIEIRA, J. A; SILVA, F. C da. (orgs). *O que a distância revela: reflexões da professores e estudantes do curso de Letras – EaD-UnB*. Brasília. Editora Movimento, 2014.

MAIA-PIRES, F. de O . *Proposta de dicionário de aprendizagem: descrição de alguns verbos no contexto do português do brasil como segunda língua*. 2015. 206 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015

MARTELOTTA, M. E.; ALONSO, K. S. Funcionalismo, Cognitivismo e a dinamicidade da língua. In.: SOUZA, E. R. de (org.) *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo. Editora Contexto, 2012.

NASCIMENTO, Maria Fernanda Barcelar do, M.L.G. Marques & Maria Luísa Segura da Cruz. *Português Fundamental: Vocabulário e Gramática*. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. 1984.

NASCIMENTO, Maria Fernanda Barcelar do, M.L.G. Marques & Maria Luísa Segura da Cruz. *Português Fundamental: Métodos e Documentos* (2 vol.). Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. 1987.

TARP, S. Desafíos teóricos y prácticos de la lexicografía de aprendizaje. In.: XATARA, C BEVILACQUA, C. E HUMBLÉ, P (org.) *Lexicografía pedagógica pesquisas e perspectivas*. Florianópolis. UFSC/NUT, 2008.